

DAYCOVAL ASSET MANAGEMENT

CARTA MENSAL DA GESTÃO

Junho 2026

 **Daycoval**
Asset Management

Cenário Internacional

No cenário internacional, os destaques do mês de junho concentraram-se no arrefecimento das tensões geopolíticas, com o fim do conflito no Oriente Médio e o consequente retorno dos preços do petróleo para níveis próximos aos observados no período pré-guerra. Esse alívio no front das commodities energéticas reduziu a pressão imediata sobre os índices de preços globais e permitiu uma melhora nas expectativas inflacionárias de curto e médio prazo. Contudo, o ambiente macroeconômico nos EUA segue complexo, marcado por divergências entre os dados agregados de atividade e a fragilidade de sua composição interna, além de mudanças profundas na comunicação do Federal Reserve sob a nova liderança de Kevin Warsh.

Quanto à atividade nos EUA, a leitura final do PIB do primeiro trimestre de 2026 surpreendeu ao registrar uma expansão anualizada de 2,1% (ante 1,6% na estimativa anterior). No entanto, a abertura do indicador continuou sinalizando uma desaceleração da absorção doméstica. O avanço do dado cheio foi explicado, majoritariamente, por uma forte desaceleração das importações. Além disso, o consumo das famílias perdeu fôlego de forma significativa, desacelerando de 1,4% para 0,5%, puxado pelo arrefecimento expressivo do consumo de serviços. Assim, a despeito do número final mais forte, a composição qualitativa do PIB revela uma economia subjacente menos robusta.

No mercado de trabalho, os dados recentes continuam mostrando um nível de atividade resiliente, embora sustentado por segmentos específicos. Essa concentração setorial torna precoce qualquer diagnóstico de reaceleração disseminada do emprego, podendo refletir movimentos isolados, intensificados pela realização da Copa do Mundo de Futebol no país.

No campo da inflação, as leituras recentes do CPI mantiveram trajetória de alta, ainda refletindo, de forma defasada, os picos anteriores dos preços da energia decorrentes do conflito geopolítico. Por outro lado, as medidas subjacentes apresentaram pressão inferior à esperada. Diante do encerramento do choque de oferta do petróleo e da perda de tração do consumo de serviços, nossa expectativa é que a inflação encerre o ano em torno de 3,50%. Na esteira do fim do conflito, o canal das expectativas inflacionárias (como a pesquisa da Universidade de Michigan) apresentou melhora em relação aos sinais de alerta observados no mês anterior.

No âmbito da política monetária, o FOMC manteve a taxa de juros inalterada, mas adotou uma postura surpreendentemente mais dura (hawkish), sinalizando, em sua comunicação, o risco de uma nova elevação dos juros ainda este ano. Divergindo dessa sinalização do comitê, nosso entendimento é que, diante da contínua desaceleração gradual da atividade, de um mercado de trabalho estável e do fim do conflito geopolítico, o cenário mais provável para o segundo semestre é a manutenção da taxa de juros no patamar atual. Por fim, vale destacar que o novo presidente do Fed, Kevin Warsh, tem sinalizado uma alteração estrutural no framework de comunicação do banco central, reduzindo o uso do forward guidance e do gráfico de pontos com as projeções de seus membros (dot plot), o que deve elevar as incertezas institucionais e a volatilidade dos ativos financeiros no horizonte prospectivo.

Cenário Brasileiro

No cenário doméstico, os primeiros indicadores do segundo trimestre mostram desaceleração da atividade em relação ao ritmo observado no primeiro trimestre, ainda que em terreno positivo. Estimamos crescimento de 0,1% do PIB em maio, puxado tanto pelos segmentos mais cíclicos da atividade, como a indústria de transformação e os serviços de transporte e de informação, quanto pelos menos cíclicos, com destaque para a indústria extrativa, em especial a extração de petróleo.

Os dados disponíveis até o momento parecem consistentes com nossa expectativa de crescimento de 0,3% para o PIB no segundo trimestre e de 1,7% ao final do ano. O risco altista para essa projeção está nas medidas do governo voltadas ao estímulo da economia no curto prazo, com destaque para o Move Brasil e o Desenrola 2.0, que podem adicionar entre 0,2 p.p. e 0,4 p.p. ao crescimento deste ano.

O mercado de trabalho, por sua vez, deu sinais de enfraquecimento. Embora a taxa de desemprego dessazonalizada tenha permanecido em 5,5% em maio, uma série de indicadores já aponta perda de dinamismo. Os rendimentos reais recuaram 0,8% no mês, com queda disseminada entre os setores, e o exercício que construímos para medir a robustez do mercado de trabalho nos dez principais setores da economia brasileira já identifica fragilidade em quatro deles: comércio, construção, tecnologia e finanças, e alojamento e alimentação. Ou seja, apesar de a taxa agregada de desemprego ainda permanecer em patamar historicamente baixo, a deterioração já é visível na abertura setorial.

Essa leitura é reforçada pelo desempenho fraco do saldo de vagas do Caged, que registrou o menor resultado acumulado no ano da série histórica até maio. Com exceção da construção, todos os setores criaram menos vagas formais do que em 2025, com destaque negativo para o comércio, que já registra destruição líquida de postos de trabalho. Por fim, vale notar que a estabilidade da taxa de desemprego em 5,5% carrega uma distorção estatística decorrente da queda da taxa de participação. Ao ajustarmos esse efeito, a taxa alcançaria 7,9%, patamar mais consistente com os demais indicadores do mercado de trabalho.

Inflação e Política Monetária

No front dos preços, o comportamento recente do IPCA continuou surpreendendo o consenso pelo lado altista, impulsionado sobretudo pela forte pressão dos preços dos alimentos e pelo encarecimento da energia elétrica. Em contrapartida, as medidas de núcleo do IPCA continuam apresentando desaceleração gradual na margem, embora permaneçam em patamar elevado e ainda exijam cautela. Apesar do encerramento do conflito no Oriente Médio, que tende a remover parte das pressões globais de custos, as expectativas de inflação coletadas pelo Boletim Focus registraram nova rodada de alta, tanto no curto quanto no médio prazo, aprofundando o processo de desancoragem.

A dinâmica por trás dessa deterioração das expectativas possui duas naturezas distintas. No curto prazo, o principal fator tem sido a incorporação das surpresas inflacionárias correntes no grupo de alimentos, somada à perspectiva de um fenômeno Super El Niño intenso no segundo semestre. Já no médio prazo (horizonte de 2028), a piora reflete um componente mais estrutural, relacionado às incertezas do mercado quanto à disposição do Banco Central de conduzir a inflação de forma consistente para a meta, em um ambiente marcado pela contínua pressão de estímulos fiscais. O principal risco macroeconômico reside na possibilidade de esses choques de oferta e a desancoragem consolidada gerarem efeitos secundários relevantes, contaminando os preços mais rígidos da economia. Atualmente, nossa projeção para o IPCA ao final deste ano é de 5,2%, com viés predominantemente altista. Do lado da política monetária, o Copom reduziu a taxa Selic de 14,50% para 14,25% a.a. em sua última reunião, em linha com o esperado. No que diz respeito à comunicação, por um lado, o Banco Central avaliou que o balanço de riscos para a inflação tornou-se assimétrico para o lado altista; por outro, destacou que o nível significativamente contracionista dos juros implementado até o momento já evidencia efeitos defasados sobre o ritmo da atividade econômica, leitura que corrobora os sinais setoriais de enfraquecimento observados no mercado de trabalho e no PIB na margem. Além disso, a autoridade monetária pontuou que suas projeções de inflação, baseadas na trajetória de juros do Focus, embora permaneçam acima da meta para o horizonte relevante (2027), situam-se em 3,2% no primeiro trimestre de 2028. Esse patamar encontra-se no entorno da meta de 3%, exatamente no período que passará a ser o foco central do horizonte relevante a partir da próxima reunião do comitê. Diante desse quadro, avaliamos que o cenário mais provável para o Copom, especialmente após a resolução do conflito no Oriente Médio e o alívio nos preços do petróleo, é a realização de uma nova redução de 0,25 p.p. na próxima reunião, levando a taxa Selic para 14,00% a.a. Contudo, diante da proximidade do período eleitoral, do ambiente externo ainda volátil, da desancoragem das expectativas de inflação, do balanço de riscos altista e do fato de o ciclo já acumular uma redução de 75 pontos-base desde o seu início, nossa expectativa é que o Banco Central interrompa o atual ciclo de calibração após esse movimento. Projetamos que a retomada dos cortes ocorra no início do próximo ano, porém em ritmo mais acelerado, à medida que esses riscos se dissipem e o processo de convergência da inflação ganhe tração.

Cenário de Crédito Privado

Em junho, os spreads CDI+ permaneceram relativamente estáveis, enquanto os papéis IPCA+ (isentos) apresentaram fechamento de spreads. Nas debêntures CDI+, 21% dos papéis da Anbima abriram taxa e 79% fecharam taxa. De forma consolidada, os papéis fecharam, em média, 2 bps, com um desvio de 30 bps, sinalizando um movimento generalizado de leve fechamento, tendendo à estabilidade, sem distinções relevantes entre os emissores. O índice IDA-DI fechou o período passando de CDI + 1,36% para CDI + 1,35%. No mercado de isentos, segmento mais sensível para os fundos de debêntures incentivadas, o movimento de fechamento dos spreads CDI+, observado especialmente nos últimos 60 dias, foi transferido para esse mercado. O índice IDA-IPCA Infra encerrou junho em 33 bps de prêmio, ante 51 bps no mês de maio. Ao analisarmos os dados consolidados da Anbima, observamos que 85% dos papéis IPCA+ fecharam taxa, enquanto 15% abriram taxa. Na média, os papéis fecharam 8 bps.

A captação líquida dos fundos de renda fixa com mais de 20% da carteira alocada em debêntures permaneceu estável. Em junho, a indústria registrou captação líquida negativa de R\$ 3,5 bilhões. No acumulado dos últimos três meses, a captação líquida foi de R\$ 52 bilhões negativos. Esse volume representa cerca de 5% do patrimônio líquido da indústria nessa classe de ativos. Ou seja, apesar de ser um número fraco, está longe de representar um sinal de alerta para a liquidez do mercado. No último mês, a indústria apresentou sinais de estabilização.

Quanto à captação líquida dos fundos isentos de debêntures incentivadas, ela permanece negativa, porém com sinais de estabilização. No mês, a indústria registrou captação líquida negativa de R\$ 5,3 bilhões e, no acumulado dos últimos três meses, de R\$ 22 bilhões negativos, o que representa aproximadamente 7% do patrimônio líquido da indústria. Apesar de uma dinâmica mais sensível e frágil do que a observada no mercado CDI+, o mercado de isentos mostra sinais de estabilização, com um equilíbrio entre demanda e oferta mais compatível com o prêmio atualmente observado.

Pelo lado da oferta de ativos de crédito privado no mercado primário (CRI, CRA, Notas Comerciais, Debêntures e FIDCs), foram realizadas emissões de R\$ 53 bilhões em junho, sendo apenas R\$ 6 bilhões em debêntures incentivadas. O volume foi significativamente superior ao do mês anterior, que havia sido um dos mais fracos da série desde 2023. Ainda assim, apenas 46% do volume emitido foi distribuído ao mercado, reforçando um ambiente de menor liquidez. No mercado secundário, o volume negociado foi de R\$ 99 bilhões, o menor dos últimos quatro meses. À medida que a indústria encontra maior equilíbrio na demanda (captação líquida), criando maior previsibilidade para a necessidade de alocação dos gestores, as sobras do mercado primário, fomentadas pelas tesourarias dos bancos, passam a se esgotar no mercado secundário, tornando o mercado mais escasso.

Pela dinâmica observada, verificamos um ritmo e um perfil de emissões ainda bastante fracos. As poucas ofertas realizadas são de baixo volume, com perfil de "crédito-ponte" (operações de curta duração, muitas vezes não distribuídas) ou destinadas exclusivamente às carteiras comerciais dos bancos. Essa sinalização reforça um dos pontos que temos abordado nos últimos meses e que deve permanecer, dado o período eleitoral que dominará as atenções do mercado. Caso a indústria volte a apresentar ao menos um sinal de captação positiva, há forte potencial para pressionar novamente o fechamento dos spreads. Grande parte dessa dinâmica poderá ocorrer à medida que os investidores recuperem a confiança na classe de ativos e as janelas de retorno da indústria apresentem números mais competitivos, especialmente em comparação ao crédito bancário direto. Pelo lado dos fundamentos e da qualidade de crédito das empresas, o mercado já não é facilmente convencido apenas por métricas clássicas, como perfil de liquidez, alongamento do passivo e posição de caixa. O mercado passou a privilegiar empresas com operação sólida e, sobretudo, capacidade de converter seus resultados em geração de caixa.

Observamos exemplos claros de empresas com ampla base de ativos e posições confortáveis de caixa sendo penalizadas em suas precificações. Apesar de mais desafiador, esse cenário permite maior diferenciação entre os emissores, tornando a seleção de ativos um fator ainda mais relevante para a rentabilidade dos fundos. Em um mercado mais sensível e avesso ao risco de crédito, buscamos manter os fundos amplamente pulverizados, com baixa concentração por emissor, explorando operações com melhor relação entre duration e carregamento, especialmente após a correção observada nos primeiros meses do ano.

A temporada de resultados do 1T26 foi encerrada e, em continuidade ao observado no 4T25, verificamos aumento do endividamento das empresas, acompanhado por melhora das margens. Em outras palavras, as empresas estão mais rentáveis, porém mais alavancadas. A estrutura de capital passou a apresentar maior participação de dívida em relação ao capital próprio. Pelo lado do fluxo de caixa, as empresas permanecem deficitárias, sendo que as despesas financeiras consomem grande parte do fluxo de caixa livre (valor disponível para pagamento de juros e dividendos). Dessa forma, apesar de mais rentáveis, muitas empresas ainda dependem da rolagem ou do aumento do endividamento para manter o equilíbrio financeiro. Esse é um importante sinal de atenção para a saúde financeira das companhias. Nesse contexto, torna-se fundamental que as empresas mantenham "bancabilidade" e acesso a linhas de crédito compatíveis com seu perfil financeiro, além de uma operação saudável e geradora de caixa.

As janelas de rentabilidade dos fundos da família Classic foram bastante positivas nos últimos dois meses. Os fundos, em seus diferentes níveis de risco, capturaram o fechamento dos spreads e aumentaram o ganho de carregamento com as novas alocações e, de forma passiva, com a alta dos spreads observada anteriormente. No mercado CDI+, o ímpeto do fechamento dos spreads perdeu força e os excessos de retorno deverão vir principalmente do aumento da taxa de carregamento dos fundos. Conforme comentado anteriormente, caso a dinâmica de mercado continue evoluindo de forma positiva, poderemos observar uma nova rodada de fechamento dos spreads, contribuindo para o excesso de retorno. Em um primeiro momento, os papéis AAA reagiram rapidamente e já retornaram para patamares muito próximos aos anteriores à correção. Alguns nomes de perfil mid-grade e high yield, que também haviam corrigido excessivamente sem justificativa clara do ponto de vista dos fundamentos, começaram igualmente a reagir. Esse mesmo raciocínio pode ser estendido ao mercado IPCA+ (isentos), que, em junho, apresentou sinais de recuperação e deverá manter esse ritmo no curto e médio prazo.

Alocações da Família Classic

A Família Classic de fundos aproveitou o momento de correção para realizar diversas aquisições que entendemos como oportunidades, especialmente no crédito corporativo CDI+ e IPCA+. Aumentamos nossa exposição ao crédito corporativo e reduzimos nossa posição em caixa e em crédito bancário de curto prazo (com vencimento de até seis meses). Em relação aos nossos objetivos de concentração por grupo econômico, nos quais estávamos abaixo dos limites em todos os fundos, ampliamos nossas exposições, embora ainda permaneçamos abaixo dos respectivos targets.

Conforme explicamos na carta mensal, já estamos colhendo os frutos dessa correção e conseguimos capturar um prêmio relevante para a rentabilidade dos fundos. O carregamento de todos os fundos da família Classic atingiu o maior patamar dos últimos dois anos, incluindo os fundos incentivados.

Em relação aos eventos recentes de crédito envolvendo empresas em recuperação judicial, recuperação extrajudicial ou medidas cautelares, não tivemos exposição a nenhuma dessas companhias nas carteiras dos fundos.

Daycoval Classic Títulos Bancários FIF RF

A alocação do fundo está distribuída em 72% do patrimônio, sendo 8% em CDBs, 13% em DPGEs, 30% em LFs, 5% em LFSCs e 14% em LFSNs. A taxa média de carregamento equivalente do fundo é de CDI + 0,56, com duration de 1,3 anos.

A carteira do fundo é pulverizada em 42 emissores diferentes, todos com rating igual ou superior a AA-. Os títulos da carteira são atualizados diariamente a valor de mercado, o que pode gerar oscilações nos resultados de curto prazo, sem, contudo, afetar significativamente os resultados futuros do fundo no longo prazo. O fundo também possui caráter defensivo em relação ao crédito corporativo. Em momentos de correção do mercado de crédito, os ativos bancários que compõem a carteira tendem a apresentar melhor desempenho e menor volatilidade, proporcionando maior proteção ao investidor.

Daycoval Classic FIF CIC RF CP

A alocação em operações de crédito situa-se na faixa de 79% do portfólio, sendo 25% em debêntures, 10% em FIDCs, 44% em crédito bancário, entre LFs e CDBs, e uma posição confortável em títulos públicos com liquidez diária. O carregamento equivalente do fundo está em CDI + 1,01% com 1,7 anos de *duration*.

Daycoval Classic 30 FIF

A alocação em operações de crédito situa-se na faixa de 75% do portfólio, sendo 35% em debêntures, 18% em FIDCs, 22% em crédito bancário, entre LFs, e uma posição confortável em títulos públicos com liquidez diária. O carregamento equivalente do fundo está em CDI + 1,45% com 1,7 anos de *duration*.

Daycoval Classic 90 FIF

A alocação em operações de crédito situa-se na faixa de 92% do portfólio, sendo 41% em debêntures, 33% em FIDCs, 18% em crédito bancário, entre LFs, e uma posição confortável em fundos de renda fixa para caixa. O carregamento equivalente do fundo está em CDI + 2,38% com 1,8 anos de *duration*.

Fundo		jun/26	6m	12m	24m	2026	PL	Prazo Resgate
Daycoval Classic Tit. Bancários FIF RF	%CDI	1,16% 103,15%	7,01% 102,36%	15,13% 102,32%	29,55% 102,95%	7,01% 102,36%	R\$ 681.665.692	D+1
Daycoval Classic FIF CIC RF CP	%CDI	1,20% 106,85%	6,94% 101,41%	14,97% 101,28%	29,49% 102,75%	6,94% 101,41%	R\$ 2.040.712.751	D+1
Daycoval Classic 30 FIF	%CDI	1,22% 108,61%	7,12% 104,03%	15,23% 103,00%	30,06% 104,72%	7,12% 104,03%	R\$ 918.501.264	D+30
Daycoval Classic 90 FIF	%CDI	1,26% 112,53%	7,47% 109,13%	16,01% 108,28%	31,77% 110,68%	7,47% 109,13%	R\$ 267.069.500	D+90

Para mais detalhes, consulte o regulamento e as lâminas dos fundos disponíveis no site da Daycoval Asset, [clikando aqui](#)

Daycoval Debêntures Incentivadas & Debentures Hedge

No mês de junho, as NTN-Bs abriram, enquanto os spreads de crédito dos papéis IPCA+ fecharam, conforme discutido anteriormente. Dessa forma, o veículo hedgeado apresentou desempenho superior ao do veículo não hedgeado, uma vez que o movimento das NTN-Bs compensou de forma significativa o ganho de capital e a taxa de carregamento dos papéis isentos.

A carteira do fundo é pulverizada em 66 emissores diferentes. Ambos os fundos apresentam uma taxa de carregamento equivalente a um prêmio de 61 bps sobre a NTN-B, ou IPCA + 9,27%, com duration média de 4,3 anos.

Fundo		jun/26	6m	12m	24m	2026	PL	Prazo Resgate
Daycoval Dêb Inc. FIF ¹	%IMAB5	-0,46%	1,70%	6,64%	16,71%	1,70%	R\$ 33.333.813	D+15
		-	26,17%	54,78%	75,43%	26,17%		
Daycoval Dêb Inc. Hedge FI INFRA RF LP ²	%CDI	1,24%	5,07%	13,13%	*	5,07%	R\$ 51.133.640	D+15
		110,37%	74,10%	88,82%	*	74,10%		

¹ O CDI e IMAB5 trata-se de mera referência econômica e não meta ou parâmetro de performance

Para mais detalhes, [acessar a lâmina aqui](#).

Consulte o regulamento e as lâminas dos fundos disponíveis no site da Daycoval Asset, [clikando aqui](#)

Daycoval Classic Estruturado FIC FIDC

O objetivo do fundo é aplicar recursos em cotas de Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC), sejam eles abertos ou não. Os investimentos são realizados exclusivamente em cotas sêniores e, alguns casos especiais, em cotas de outros FICs FIDCs. O fundo possui uma carteira de cotas de FIDCs diversificada e atende às nossas necessidades de liquidez.

O Daycoval Classic Estruturado é um fundo com baixa liquidez (D+60) para sua categoria, o que o torna uma opção de investimento atraente pelos retornos alcançados desde o início, além de buscar resultados atrelados à taxa de juros (CDI) e baixa volatilidade.

O fundo Daycoval Classic Estruturado tem boas perspectivas em um cenário de taxas de juros ainda elevadas e rentabilidade superior a CDI + 2,00.

Fundo		jun/26	6m	12m	24m	2026		PL	Prazo Resgate
Daycoval Classic Estruturado FIC FIDC	%CDI	1,21% 107,64%	7,54% 110,10%	16,49% 111,58%	32,67% 113,83%	7,54% 110,10%	R\$	158.559.557	D+60

Para mais detalhes, consulte o regulamento e as lâminas dos fundos disponíveis no site da Daycoval Asset, [clikando aqui](#)

Daycoval TOP Juros Ativo FIF e Daycoval Alocação Dinâmica FIF

Em junho, a queda expressiva do petróleo, impulsionada pela trégua diplomática entre EUA e Irã, funcionou como um vetor desinflacionário e gatilho para a reprecificação global dos ativos. O mês também marcou a estreia de Kevin Warsh na presidência do FOMC, cujo comunicado mais enxuto, o fim do forward guidance e a maior dependência dos dados correntes — somados ao forte resultado do payroll (172 mil vagas) e ao viés altista das projeções econômicas do Fed — provocaram uma forte abertura das taxas curtas americanas, com repercussão global e valorização do dólar.

No Brasil, por outro lado, o cenário apresentou nuances distintas. Os indicadores de inflação e atividade trouxeram sinais mistos: o IPCA-15 de junho (0,41%) veio ligeiramente abaixo da expectativa (0,44%), com melhora nos componentes mais sensíveis à política monetária. No mercado de trabalho, a PNAD indicou um arrefecimento dos rendimentos, enquanto o Caged registrou a segunda surpresa baixista consecutiva na geração de empregos (73 mil vagas, frente à expectativa de 130 mil). Apesar do efeito benéfico da queda do petróleo, as expectativas de inflação captadas pelo Relatório Focus continuaram sendo revisadas para cima. Em contrapartida, as inflações implícitas recuaram ao longo do período.

Outro destaque de junho foi o desempenho negativo das NTN-Bs, especialmente nos vértices mais longos. O apetite do mercado por esses papéis recuou consideravelmente, reflexo da fragilidade do cenário fiscal e do acirramento das incertezas eleitorais, com a perda de espaço da direita nas últimas pesquisas. Diante do elevado nível de prêmio exigido nos títulos atrelados à inflação, o Tesouro Nacional optou por concentrar os leilões do mês quase integralmente em LFTs. Por fim, o Copom reduziu a taxa Selic em 0,25 p.p., para 14,25% ao ano. O destaque ficou por conta do comunicado, avaliado pelo mercado como inconsistente com a decisão. A descrição dos riscos inflacionários elevou o tom da comunicação, revelando uma narrativa pouco compatível com o início de um ciclo de flexibilização monetária.

Fundo		jun/26	6m	12m	24m	2026	PL	Prazo Resgate
Daycoval Alocação Dinâmica FIF RF¹	%IMAB	0,27%	4,47%	10,67%	22,21%	4,47%	R\$ 65.587.076	D+3
	5	123,20%	68,94%	88,03%	100,26%	68,94%		
Daycoval TOP Juros Ativo FIF	%CDI	1,10%	4,72%	12,90%	*	4,72%	R\$ 196.067.792	D+1
		98,00%	69,01%	87,27%	*	69,01%		

Para mais detalhes, consulte o regulamento e as lâminas dos fundos disponíveis no site da Daycoval Asset, [clikando aqui](#)

Daycoval Multiestratégia FIF

"The greatest danger in times of turbulence is not the turbulence; it is to act with yesterday's logic."
— Peter Drucker

Junho marcou o encerramento do principal tema que dominou os mercados ao longo do segundo trimestre. A negociação para o fim do conflito entre Estados Unidos e Irã reduziu significativamente o risco de interrupções na oferta global de petróleo, levando o Brent a devolver praticamente todo o prêmio incorporado desde o fechamento do Estreito de Ormuz.

Com a geopolítica deixando de ocupar o centro das atenções, o mercado voltou rapidamente o foco para o principal tema estrutural de 2026: a política monetária americana. Em especial, ganharam força as discussões em torno de Kevin Warsh e das possíveis mudanças na condução futura do Federal Reserve. Ao longo dos últimos quinze anos, os investidores acostumaram-se a um ambiente em que os instrumentos de política monetária — taxa de juros, balanço patrimonial e comunicação — foram utilizados também como mecanismos de estabilização das expectativas e da psicologia dos mercados. O discurso de Warsh reforçou uma visão distinta: a de que o papel primordial do FOMC é cumprir seu mandato institucional de estabilidade de preços e pleno emprego, cabendo ao mercado interpretar e precificar as consequências dessa atuação, e não o contrário.

A rápida ancoragem das expectativas de inflação após essa mudança de tom sugere que os investidores levaram essa mensagem a sério. Em última análise, talvez o mercado esteja redescobrimo um princípio básico da política monetária: a estabilidade de preços não é um objetivo que compete com o crescimento econômico, mas uma de suas principais condições.

Os preços refletiram essa mudança de narrativa. O dólar voltou a se fortalecer globalmente, enquanto as bolsas americanas corrigiram parte dos ganhos recentes. Ao mesmo tempo, a forte queda do petróleo e do ouro mostrou que a retirada do prêmio geopolítico não foi acompanhada de uma melhora generalizada do apetite por risco. O mercado simplesmente substituiu um vetor dominante por outro.

No Brasil, os ativos locais destoaram negativamente da maior parte dos mercados emergentes. Embora o fortalecimento global do dólar tenha contribuído para esse movimento, o aumento do prêmio de risco doméstico foi claramente o fator dominante. A comunicação recente do Banco Central gerou dúvidas sobre sua função de reação, ao mesmo tempo em que a proximidade do processo eleitoral trouxe de volta lembranças de episódios em que a incerteza política passou a dominar a precificação dos ativos brasileiros. Como consequência, observaram-se a desvalorização do real, a abertura da curva de juros e a queda da bolsa. Para a gestão macro, junho representou mais uma importante mudança de regime. Em poucos meses, o mercado passou do choque de oferta provocado pelo petróleo para uma discussão sobre os fundamentos da política monetária americana, enquanto, no Brasil, o risco doméstico voltou a ocupar o centro da precificação dos ativos. Em ambientes como esse, a disciplina não está em defender uma convicção, mas em adaptar o portfólio à medida que os fatos, os preços relativos e as assimetrias evoluem.

O fundo Daycoval Multiestratégia rendeu 0,88% (78,7% do CDI) em junho, com contribuições positivas das estratégias de Juros Brasil e Juros Internacional, neutras das estratégias de Cross Assets e Bolsa Brasil e negativas das estratégias de Moedas, Bolsa Internacional e Commodities. No acumulado de 2026, o fundo apresenta retorno de 4,89%, equivalente a 71,43% do CDI.

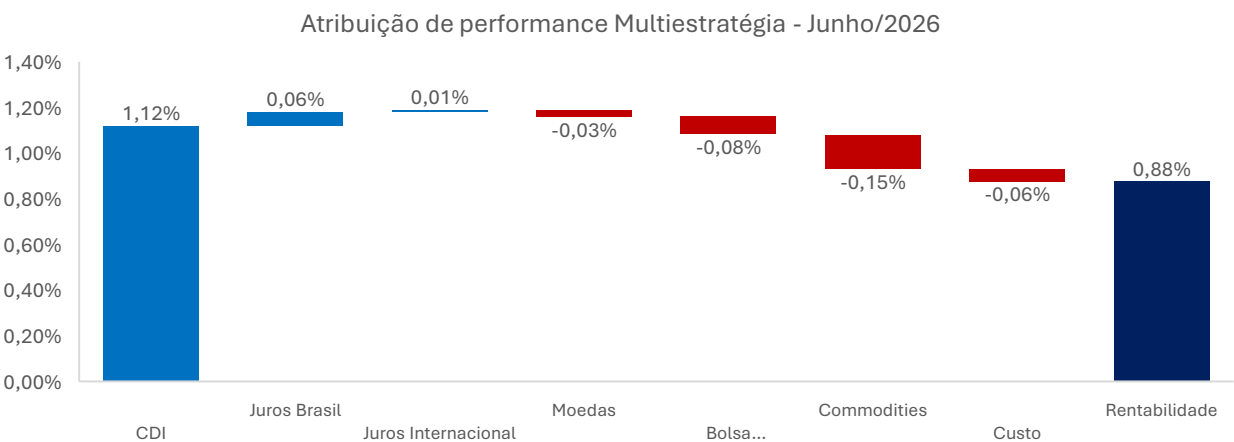
Daycoval Multifunds FIF

Em junho, o Daycoval Multifunds FIF rendeu 0,37% (33,32% do CDI). Os destaques positivos do mês foram os fundos Itaú Janeiro (2,47%), SPX Nimitz (2,16%) e Genoa Radar 701 (1,74%). O principal detrator do mês foi o fundo MAR Absoluto (-3,72%). As demais posições apresentaram retorno positivo, porém inferior ao CDI.

DAYCOVAL ASSET MANAGEMENT

O mês de junho consolidou um ambiente macroeconômico desafiador, pressionado globalmente pela postura mais dura do banco central americano, que promoveu a abertura da curva de juros nos EUA e reduziu o fluxo de capitais para os países emergentes. No cenário doméstico, esse choque externo encontrou uma inflação resiliente, exigindo a sinalização de juros restritivos por mais tempo, o que provocou forte estresse na curva local e rápida desvalorização cambial. Essa combinação de reprecificação global e deterioração do cenário doméstico penalizou severamente as posições otimistas em renda fixa e bolsa, justificando a elevada volatilidade das cotas e a dificuldade tática dos fundos multimercados em gerar alfa no mês.

Seguimos monitorando de perto os fundos alocados, priorizando a gestão de risco e a captura de oportunidades nesse cenário de mercado.



Fundo		jun/26	6m	12m	24m	2026	PL	Prazo Resgate
Daycoval Multifunds FIF	%CDI	0,37%	1,64%	7,72%	22,23%	1,64%	R\$ 29.619.423	D+15
		33,29%	23,97%	52,19%	77,47%	23,97%		
Daycoval Multiestratégia FIF	%CDI	0,88%	4,89%	13,33%	27,91%	4,89%	R\$ 84.955.206	D+1
		78,71%	71,43%	90,15%	97,26%	71,43%		

Para mais detalhes, consulte o regulamento e as lâminas dos fundos disponíveis no site da Daycoval Asset, [clikando aqui](#)

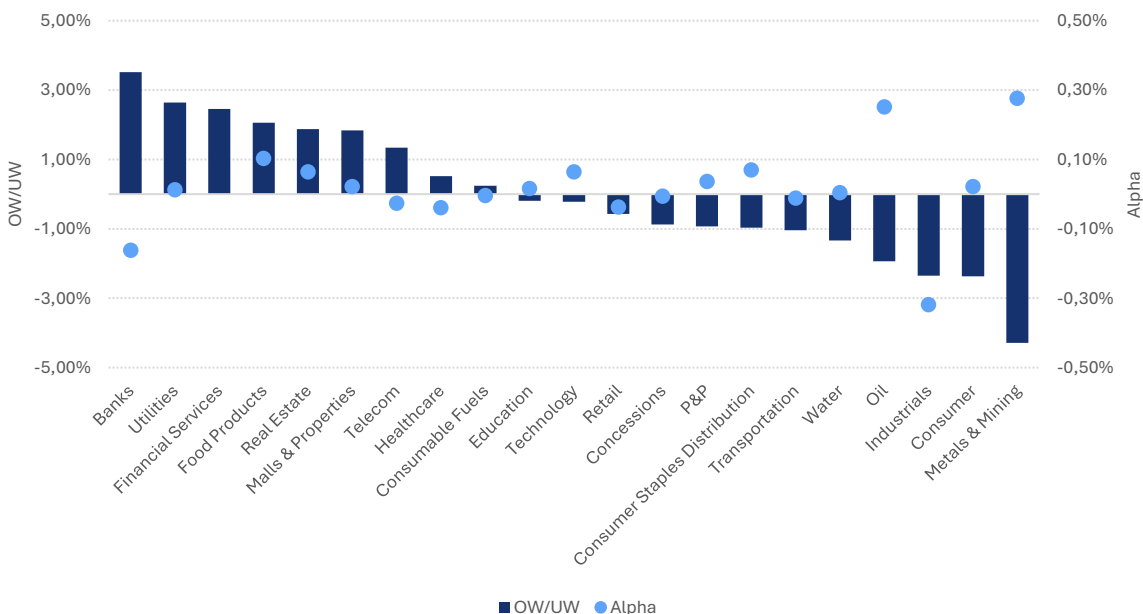
Daycoval Ibovespa Ativo FIA

No mês de junho, o índice Bovespa recuou 1,01%, acumulando retorno de 6,76% no ano. Já o Fundo Daycoval Ibovespa Ativo Ações avançou 0,49% no mês, acumulando retorno de 5,94% no mesmo período. O mês foi marcado pela redução do risco geopolítico associado ao conflito entre Estados Unidos e Irã, o que contribuiu para a queda dos preços do petróleo. Esse movimento impactou negativamente o desempenho das empresas do setor, que possuem participação relevante na composição do índice Bovespa. Apesar desse cenário, a estratégia do fundo permitiu superar o desempenho do benchmark no mês, refletindo a seleção de ativos e o posicionamento setorial da carteira.

Durante o mês, não ocorreram alterações na alocação setorial do fundo. As maiores exposições overweight (OW) continuam sendo os setores de Banks e Utilities, enquanto as maiores exposições underweight (UW) permanecem nos setores de Metals & Mining e Consumer.

Em termos de performance setorial, as principais contribuições positivas vieram dos setores de Financial Services (OW) e Metals & Mining (UW). Destacamos a contribuição positiva de BBSE (OW), que se beneficia de um cenário de juros elevados por mais tempo, fator que tem ganhado destaque, apesar dos riscos de maior sinistralidade caso os efeitos do El Niño se traduzam em safras mais fracas. Outro destaque foi a Vale (UW), que pode ter seus resultados impactados pelo aumento de custos e respondeu ao recuo do preço do minério de ferro ao longo do mês. Os setores de Industrials (UW) e Banks (OW) foram os principais detratores da performance relativa no mês. O destaque negativo ficou por conta do posicionamento underweight em EMBJ e WEG, cujas ações apresentaram desempenho superior ao do Ibovespa no período, impulsionadas pela apreciação do dólar frente ao real. A menor exposição a essas companhias resultou em contribuição negativa para o desempenho relativo do portfólio.

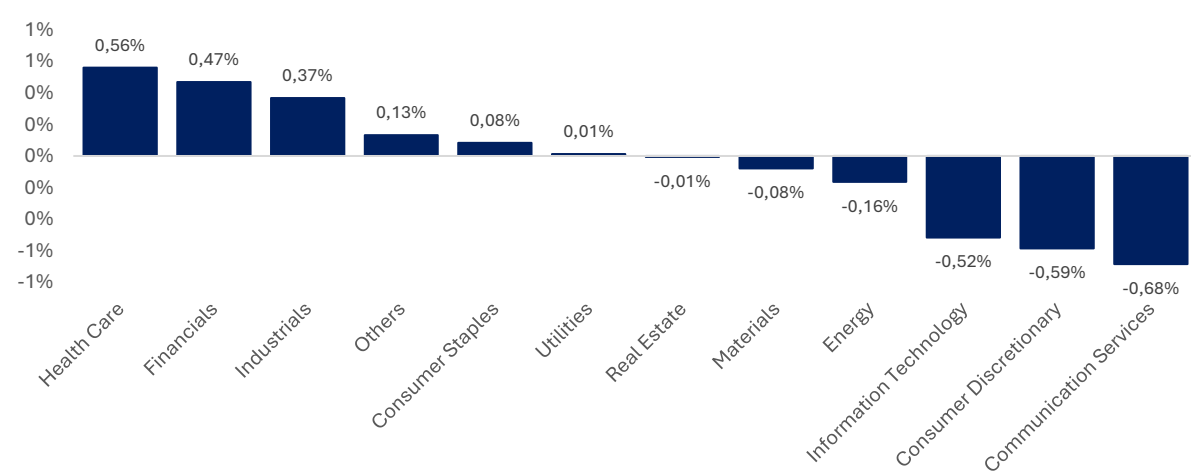
Alocação Setorial OW/UW – YTD



Daycoval Bolsa Americana USD BDR-Ações

O Fundo Daycoval Bolsa Americana USD BDR-AÇÕES obteve, no mês de junho, um retorno de -0,56%, enquanto o dólar frente ao real apresentou valorização de 2,61%. No mesmo período, o S&P 500, em reais, valorizou-se 1,28%. Junho foi marcado por um movimento de correção no mercado acionário americano, motivado principalmente pela renovação das preocupações dos investidores quanto ao retorno dos elevados investimentos em Inteligência Artificial. Esse cenário levou a uma rotação para setores mais tradicionais da economia. Em contrapartida, as empresas do segmento de semicondutores apresentaram desempenho positivo, sustentadas pela expectativa de continuidade da demanda por infraestrutura tecnológica. No fundo, os principais destaques positivos vieram dos setores de Health Care, Financials e Industrials. Por outro lado, os setores de Communication Services, Consumer Discretionary e Information Technology contribuíram negativamente para o resultado, refletindo a pressão sobre empresas com maior exposição ao tema da Inteligência Artificial. Entre os principais destaques positivos da carteira estiveram TSMC, Micron, Applied Materials e ASML, companhias do segmento de semicondutores que seguem sendo beneficiadas pela forte demanda por infraestrutura voltada à Inteligência Artificial. Em sentido oposto, Microsoft, Apple e Amazon figuraram entre os principais detratores de desempenho, diante das incertezas do mercado quanto ao retorno financeiro dos expressivos investimentos realizados por essas empresas em IA.

Contribuição Setorial do Fundo Daycoval Bolsa Americana



Fundo	jun/26	6m	12m	24m	2026	PL	Prazo Resgate
Daycoval Ibovespa Ativo FIA	0,49%	5,93%	20,59%	33,32%	5,93%	R\$ 61.758.195	D+14
Ibov	-1,01%	6,76%	23,89%	38,83%	6,76%		
Daycoval Bolsa Americana USD BDR-Ações	-0,56%	2,87%	19,16%	32,19%	2,87%	R\$ 46.152.778	D+3

Para mais detalhes, consulte o regulamento e as lâminas dos fundos disponíveis no site da Daycoval Asset, [clikando aqui](#)

Daycoval Real Estate Multiestratégia FII

O IFIX, índice que representa a média dos fundos imobiliários negociados na B3, encerrou o mês de junho com queda de 1,2%. No acumulado de 2026, o retorno total do índice registra alta de 1,5%. As taxas de juros reais de longo prazo apresentaram alta de 0,4 p.p. na comparação entre os fechamentos de maio e junho de 2026, mantendo-se em patamares historicamente elevados (acima de 7%).

O dividend yield do índice diminuiu no mesmo período, passando de 12,4% para 12,0%, de acordo com o Quantum. A combinação desses fatores resultou na redução do prêmio de risco médio do índice para 3,8% — diferença entre o dividend yield e a taxa de juros real — em comparação com o fechamento de maio de 2026 (4,7%), segundo dados do Quantum e do Tesouro Direto.

Os fundos imobiliários continuam oferecendo dividend yields atrativos, em níveis historicamente elevados. Como consequência, o prêmio de risco do IFIX — medido pela diferença entre o dividend yield e a taxa real de juros — permanece em patamar elevado, ainda que abaixo dos picos mais recentes.

Esse ambiente reforça a percepção de que o setor opera em um contexto de incerteza econômica e política, tanto no cenário doméstico quanto no internacional. O resultado é um mercado de fundos imobiliários sem uma direção clara no curto prazo, o que exige maior seletividade por parte dos investidores.

Fonte: BTG Pactual Equity Research / Economia



Aviso importante: Este A Daycoval Asset Management Administração de Recursos Ltda. ("Daycoval") está devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários para o exercício da atividade de administração de carteiras de valores mobiliários na categoria "gestor de recursos". As informações, materiais ou documentos aqui disponibilizados não caracterizam e não devem ser entendidos como recomendação de investimento, análise de valor mobiliário, material promocional, participação em qualquer estratégia de negócio, solicitação/oferta/esforço de venda ou distribuição de cotas dos fundos de investimento aqui indicados. As informações e materiais não constituem assessoria ou consultoria jurídica, contábil, regulatória, fiscal ou de qualquer outra natureza em relação às alternativas de investimento e/ou assuntos diversos contidos nos documentos. Algumas das informações aqui contidas podem ter sido obtidas de fontes de mercado. A despeito da curadoria e processamento diligente destes dados, a Daycoval Asset não se responsabiliza por erros, omissões ou imprecisões no conteúdo das informações divulgadas, nem por decisões de investimento tomadas com base nesta comunicação, seja pelo investidor ou por profissionais por ele consultados e/ou contratados. Certas informações aqui veiculadas são indicadas como projeções e estimativas futuras embasadas em premissas, sendo certo que a alteração das premissas poderá frustrar as projeções ou estimativas, e os resultados reais poderão ser significativamente diferente. As informações, materiais ou documentos aqui disponibilizados têm caráter meramente informativo e não consideram objetivos de investimento, situação financeira, qualificação ou necessidades individuais e particulares de cada investidor, além de não conterem todas as informações que um investidor em potencial deve considerar ou analisar antes de investir em um fundo de investimento. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, Anexo-Classe e Apêndice Subclasse, conforme o caso, e demais documentos do fundo antes de investir. O investidor deve sempre se basear, exclusivamente, em sua opinião e na opinião de profissionais especializados por ele contratados para opinar e decidir sobre os investimentos que melhor se enquadram em seu perfil, levando em consideração sobretudo os riscos e custos aplicáveis. Os fundos de investimento podem utilizar estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado, o que por sua vez pode acarretar a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo, ou a insolvência do fundo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, do custodiante ou de qualquer mecanismo de seguro ou ainda do Fundo Garantidor de Créditos – FGC. Não há qualquer promessa ou garantia de performance, sendo que rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada já é líquida das taxas de administração, de performance e dos outros custos pertinentes aos Fundos, mas não é líquida de impostos. Alguns fundos têm menos de 12 (doze) meses de funcionamento. Para avaliação da performance de um fundo de investimento, é recomendável a análise de, no mínimo, 12 (doze) meses.